

O MONGE AMBROSIO E O PADRE AMARO: O ANTICLERICALISMO EM MATTHEW LEWIS E EÇA DE QUEIROZ

António Martins Gomes

CHAM - FCSH

Universidade Nova de Lisboa

amgomes@fcs.unl.pt

O Crime do Padre Amaro, inicialmente editado nos primeiros fascículos da *Revista Ocidental* entre Fevereiro e Maio de 1875, sem o consentimento prévio de Eça de Queiroz (1845-1900), recebe desde logo várias críticas negativas, dado o seu forte conteúdo anticlerical, bem como a acusação, por parte do escritor brasileiro Machado de Assis, de plagiar o enredo de *La Faute de l'Abbé Mouret*, de Émile Zola. Polémicas à parte, existe contudo uma obra à qual parece nunca ter sido dada a merecida importância em relação à sua afinidade com a estrutura e com o percurso do protagonista deste romance inaugural do realismo português. *The Monk* é o seu título e foi publicado anonimamente em 1796 por Matthew Gregory Lewis (1775-1818), já no declínio da literatura gótica inglesa e dois anos antes da publicação de *Lyrical Ballads*, obra emblemática do início do romantismo inglês, cujo prefácio e poemas são assinados William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge.

Em Inglaterra, o anticlericalismo aumenta de intensidade a partir do momento em que Henrique VIII decide cortar o enfeudamento religioso a Roma, formar a Igreja Anglicana (Church of England), e acumular a chefia temporal e espiritual do reino através do “Act of Supremacy”, de 1534. O sentimento anticlerical será, porém, mais acentuado ao longo do Iluminismo, cujos princípios altruístas norteiam a implantação e a consolidação de vários regimes liberais, como é o caso do português. A sua filosofia consiste sobretudo em denunciar a inutilidade da vida monástica, o envolvimento promíscuo do clero no *negotium* terreno, os benefícios materiais retirados em manobras eleitoralistas e, sobretudo, o voto de castidade, um acto de abstinência forçada e contínua que reprime os impulsos mais naturais de todo e qualquer ser humano.

Partilhando uma contundente crítica anticlerical, os romances *The Monk* – cuja primeira edição em Portugal é de 1862, com o título *O Monge - e O Crime do Padre Amaro* assemelham-se igualmente pelo comportamento desviante dos seus protagonistas “exemplares” e por transmitirem a ideia de que a Igreja Católica exerce uma influência perniciosa na formação dos seus membros, impondo-lhes uma vida de reclusão e castidade através de normas extremamente repressivas, totalmente afastadas dos valores cada vez mais prementes de uma burguesia ansiosa por viver numa sociedade laica, em plena liberdade de expressão.

A acção do romance gótico *The Monk*, redigido por Matthew Gregory Lewis aos 19 anos de idade, decorre no início do século XVII e apresenta uma Espanha filipina enquadrada no pensamento contra-reformista, a imperar sobre toda a Península Ibérica. Para além deste pano de fundo político-religioso, esta obra patenteia ainda os adereços góticos mais eficazes na transmissão ao leitor de emoções arrebatadas; assim, ruínas crepusculares, fantasmas nocturnos, o Tribunal da Santa Inquisição, perseguições, celas e criptas sombrias, violações e assassínios violentos fazem parte de uma obra onde se encontra, segundo Maria Leonor Machado de Sousa, “a violência cruel e brutal das mais baixas paixões humanas” (Sousa 1978, 83). O Marquês de Sade, especial apreciador de *The Monk*, considera, por sua vez, que todos estes excessos de violência e de carga sentimental podem ser melhor compreendidos no contexto da grande instabilidade emocional vivida ao longo da Revolução Francesa de 1789, numa ameaça permanente à provecta instituição monárquica (cf. Whitlark 1997).

Publicado no apogeu do romance gótico inglês, e sob a influência de obras assinaláveis como *Vathek* (1786), de Horace Walpole, ou *The Mysteries of Udolpho* (1794), de Anne Radcliffe, *The Monk* teve uma reacção negativa tanto por parte do público como de alguns críticos literários, que desaprovaram alguns episódios com carácter licencioso, ou até mesmo pornográfico. Será por este motivo, bem como pelo facto de Matthew G. Lewis ter entrado para o Parlamento aos 22 anos, que o próprio autor fará, a pedido de alguns familiares e amigos, várias supressões e emendas na quarta edição da obra (1798).

Logo na cena introdutória deste romance de finissecularidade setecentista, é feita uma crítica à artificialidade da liturgia católica: o narrador descreve todo o ambiente da missa que está a ser celebrada na igreja, como se este espaço sagrado fosse uma mera feira de vaidades, propícia a encontros secretos entre amantes. Em seguida, é-nos apresentado um dos oradores mais reverenciados do reino castelhano: o monge

Ambrosio, unanimemente reconhecido pela sua santidade e eloquência eucarística, e cuja vida inteira havia sido de total recolhimento na ordem monástica de S. Francisco.

Com efeito, o protagonista fora abandonado, recém-nascido, à porta de uma abadia dos Capuchinhos de Madrid, sendo recebido e educado num dos mais sólidos baluartes do catolicismo pós-tridentino e o principal espaço de influência do Tribunal da Santa Inquisição, ao longo de muitos séculos. Trinta anos mais tarde, Ambrosio abandona o estado de isolamento num lugar vigiado e resguardado de todos os vícios e corrupções, e entra no espaço mundano; será aí que os seus desejos recalçados, tão fortemente combatidos, serão postos à prova:

‘O carácter de Ambrosio é completamente irrepreensível; e um homem que passou a vida inteira entre os muros de um convento, nunca pode ter encontrado a oportunidade de ser culpado, mesmo que sentisse a tentação de pecar. Mas agora, perante a obrigação de cumprir as competências que lhe são inerentes, irá entrar no mundo fortuitamente, será colocado no caminho da tentação, e competir-lhe-á agora demonstrar a genialidade da sua virtude. A prova é perigosa; ele está precisamente naquele período da vida em que as paixões são as mais calorosas, indomáveis e despóticas; a sua sólida reputação irá destacá-lo como uma ilustre vítima da Sedução; [...]’. (Lewis 1990, 21)

Apesar de se apresentar como um grande exemplo de virtude e de castidade, e de ser bastante apreciado pela sua competência oratória, o monge Ambrosio, aprisionado numa abadia e afastado do mundo, representa a latência do seu próprio Eros, somente à espera de lhe surgir uma pequena tentação para que caia toda a sua castidade, até aí arduamente conservada. Esse momento ocorre quando é seduzido pela bela Matilda de Villanges, que havia ingressado no convento disfarçada de noviço:

‘Ela tinha rasgado o seu hábito, e o seu peito estava meio-exposto. A ponta do punhal encostava sobre o seu seio esquerdo: e aí, que rico seio aquele! O luar, a incidir em cheio sobre ele, deu ao monge a oportunidade de observar a sua alvura ofuscante. O seu olhar fixou-se com uma voracidade insaciável sobre aquela graciosa redondez. Uma sensação até então desconhecida encheu o seu coração com um misto de ansiedade e deleite: um fogo intenso ateou-se em todos os seus membros; o sangue ferveu nas suas veias, e mil desejos indomáveis perturbaram a sua imaginação.

‘Espera!’, gritou ele com uma voz apressada e tom hesitante, ‘não consigo resistir mais! Fica, então, meu encanto; fica, para a minha destruição!’ (Lewis 1990, 65)

Liberto, enfim, da apertada vigília censória das normas religiosas e sociais, Ambrosio cede à mais baixa tentação libidinosa e torna-se um ser monstruoso, exclusivamente orientado para a satisfação das suas necessidades primárias, num ciclo interminável de crimes de violação e morte. O seu desejo é renovado sempre em espaços pouco iluminados, que correspondem, em termos psicanalíticos, ao seu profundo e sombrio id: é o caso da sua cela esconsa, onde revela a sua enorme atracção física pela representação da Virgem, dos subterrâneos, ou da cripta onde aprisiona, viola e mata as suas vítimas.

Encaixada na narrativa principal, a história de Agnes também tem o propósito idêntico de condenar os dogmas repressivos do catolicismo e os excessos da reclusão monástica: esta personagem é obrigada pelos seus familiares a desistir de casar com Raymond de las Cisternas e a ingressar num convento, confinado com o de Ambrosio; porém, já como freira, continua, à revelia de toda a comunidade, a ter encontros com o homem que ama, e acaba por engravidar; a Madre Superiora, ao tomar conhecimento da situação, ordena que Agnes seja encarcerada nas masmorras e submetida a torturas. Finalmente, é resgatada por uma revolta popular, durante a qual também vem a ser descoberta mais uma vítima de Ambrosio.

Podemos igualmente perspectivar *The Monk* como uma tragédia cujo herói lança logo no início a sua *hybris*, ao afirmar com orgulho a sua capacidade de resistência a qualquer tentação carnal. Ambrosio é sem dúvida um herói trágico, pois mantém-se literalmente ligado ao seu impiedoso e degradante destino: da reclusão completa do mosteiro, passa para as masmorras da Inquisição, e daí para a sua catábase final, quando é lançado no Inferno para ser devorado por animais ao longo de seis dias.

Para além de marcar o início do romance histórico em Portugal, *Eurico, o Presbítero* (1844), de Alexandre Herculano, assume-se como o primeiro romance anticlericalista, quer na crítica subentendida à obediência ao celibato e ao voto de castidade jurados pelos membros do clero, quer na solução de um desfecho trágico, onde só a morte suicidária do protagonista redimirá o seu amor pecaminoso por Hermengarda. Contudo, a mensagem laicista difundida nesta obra perde-se, de uma certa forma, pelo grande distanciamento entre a data da sua publicação e o seu tempo de acção, situado nos primórdios da medievalidade portuguesa, a época histórica mais apelativa tanto à estética exótica do Romantismo como ao ideário patriótico do Liberalismo.

Alexandre Herculano prossegue a sua actividade anticlerical com “A batalha de Ourique”, em cujo opúsculo se empenha a contestar a intervenção divina na História de Portugal, nomeadamente o episódio mítico em que Jesus Cristo aparece a D. Afonso Henriques antes da batalha travada contra os mouros, o que desencadeia muitos protestos da Igreja Católica.

Estimulado pelas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense e pela filosofia positivista, o anticlericalismo em Portugal intensifica-se no início da década de 70, sendo *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, a sua referência literária mais visível; através do seu enredo em torno da relação proibida e trágica entre Amaro Vieira e Amélia Caminha, este romance tece, uma forte crítica à influência clerical na sociedade e, à semelhança de *Eurico, o Presbítero*, lança um controverso e aceso debate sobre o celibato eclesiástico.

O Crime do Padre Amaro, cujo subtítulo - “Cenas da vida devota” – evidencia desde logo o seu claro propósito, é uma obra cuja ideologia está fortemente imbuída do laicismo de Michelet, do cientismo de Herbert Spencer e Charles Darwin, da agitada Comuna de Paris e do carácter libertador da III Revolução Francesa, e ainda do pensamento socialista defendido por Antero de Quental, quando, em Maio de 1871, na segunda sessão das Conferências do Casino, aponta o espírito contra-reformista como uma das três causas da decadência dos povos peninsulares. Com efeito, a partir da segunda metade do século XVI, os dois reinos ibéricos, ao optarem por seguir a corrente tridentina, foram-se distanciando da cultura humanista e do pensamento científico que haviam norteado a aventura heróica dos Descobrimentos marítimos durante tantas décadas.

Em sintonia com a ciência positivista de Taine, Eça faz, neste romance de tese, o estudo de um homem influenciado pelo espaço em que nasce, e um reflexo do meio em que cresce e se forma: muito cedo, Amaro Vieira fica órfão de pai e mãe, e a marquesa de Alegros, a patroa dos seus pais, fica encarregue da sua educação até fazer quinze anos, a idade com que o obriga a ingressar no seminário. O voto de castidade é imposto a Amaro de uma forma unilateral, um facto que o jovem órfão aceita com bastante relutância, tanto por sentir-se sem vocação para o sacerdócio, como por saber que nunca poderá vir a contrair matrimónio ou a constituir família.

Anos mais tarde, ao ser colocado numa pequena paróquia de Leiria, este jovem sacerdote, que cedo tinha despertado a sua sensualidade através do contacto com as criadas da residência aristocrática onde os seus pais trabalhavam, transfere para Amélia

Caminha, filha da dona da casa onde fica hospedado, toda a veneração lúbrica que já vinha sentindo há um tempo pela Virgem Maria. O protagonista, cujo destino lhe foi tão ingrato e - fazendo aqui um jogo sinonímico com o seu nome próprio - tão *amargo* ao longo de uma vida plena de anseios reprimidos pela instituição católica, uma espécie de super-ego, sempre presente como tribunal da sua consciência, encontra o seu id em Amélia, com a qual irá dar largas ao seu desejo latente de predador insaciável; esta jovem inocente - cujo nome contém no interior a palavra *mel*, um alimento doce - é também doutrinada no fanatismo religioso do meio em que nasce e cresce, e dominada, desde cedo, por arroubos sentimentais e pulsões sexuais.

Com o desenrolar do tempo, a crescente afinidade “agridoce” entre Amaro e Amélia transforma-se em namoro clandestino, paixão desenfreada, pecado carnal e crime mortal. É verdade que a versão publicada em 1880, já revista por Eça, desagrava a responsabilidade do sacerdote pela morte do seu filho indesejado, uma vez que, de impiedoso infanticida da primeira edição, Amaro passa a ser um simples cúmplice do crime, quando toma a decisão de o entregar a uma eufemística “tecedeira de anjos”; contudo, o seu crime sofre apenas uma atenuante, pois o sacerdote, apesar de arrependido, poderia ter evitado a morte do seu filho recém-nascido se tivesse optado pela outra ama.

Reflectindo agora sobre as situações similares entre estes dois romances, verificamos que ambos são desde logo criticados por plágio, bem como pela sua indecência e irreligiosidade. Nas edições posteriores, e tendo em atenção os cargos públicos que desempenham, os seus autores irão atenuar a linguagem mais chocante e eliminar algumas das passagens mais controversas: na quarta edição de *The Monk* (1798), Matthew Lewis, já com um lugar de deputado na Casa dos Comuns, obtido aos 21 anos, efectua várias supressões e emendas, dá-lhe inclusive um novo título – *Ambrosio, or The Monk* – e acrescenta ao seu nome as prestigiantes iniciais M. P. (Membro do Parlamento); por sua vez, a terceira edição de *O Crime do Padre Amaro*, vinda a lume no ano das comemorações do Centenário de Camões, sofre também uma revisão cuidada do autor, no momento em que Eça se encontra no exercício de funções diplomáticas em Bristol, a oito anos de ser nomeado cônsul em Paris.

Os protagonistas das duas obras aqui em confronto tornam-se vítimas das circunstâncias em que nascem, e as suas vidas ficam sempre condicionadas pelo meio em que vivem: em Lewis, é mais notório o determinismo inelutável e atroz da tragédia clássica; em Eça, predomina já o determinismo científico de Taine. Com efeito, após

terem frequentado o seminário, terem sido ordenados sacerdotes, e, conseqüentemente, forçados ao estado celibatário, Ambrosio e Amaro passam a viver num permanente conflito psíquico e biológico perante exigências internas antagônicas, traduzidas nos princípios da realidade e do prazer: de um lado, a razão obriga-os ao cumprimento rigoroso das suas obrigações; do outro, os sentidos despertados não esquecem a *concupiscentia carnis*. Contudo, os dois clérigos, apesar da rigorosa e cuidada educação que recebem, não resistem a um apelo mais forte da tentação carnal e quebram em pouco tempo os seus votos de castidade.

Tanto o monge Ambrosio como o padre Amaro conseguem sublimar os seus desejos recalcados com “fantasias diurnas”, ao contemplarem, desde o princípio, a imagem da Virgem em *delectatio morosa*, na intimidade das suas celas. É durante esta experiência prolongada de êxtase místico - entendida pela psicanalista francesa Marie Bonaparte como uma transposição da sexualidade ou de sublimação da repressão sexual - que Ambrosio anseia pelo seu objecto de desejo, manifesto em forma pictórica, e fantasia com a materialização do seu ícone amoroso, a fim de poder afagar-lhe os cabelos e beijar-lhe os seios:

‘Oh! se tal criatura existisse, e a tivesse só para mim! Se me fosse permitido entrelaçar os meus dedos por aqueles cachos dourados e, com os meus lábios, estreitar os tesouros daquele peito nívoo! Meu bom Deus, deverei então resistir à tentação? Não deveria eu, em troca de um único abraço, reclamar a recompensa dos meus sofrimentos durante trinta anos? Eu não deveria desistir. Sou tão insensato! Até onde terei de suportar a dor da minha admiração por este retrato? Afastai-vos para longe, ideias impuras! Que eu nunca me esqueça que a mulher está perdida para sempre em mim. Nunca um mortal foi apresentado de uma forma tão perfeita como neste retrato’. (Lewis 1990, 41)

Por sua vez, na edição de 1880, Amaro, ao contemplar a litografia da Virgem na parede da sua cela, imagina-a como uma “linda moça loura”, pela qual suspira, tendo em mente levantar-lhe as dobras da túnica azul para poder apreciar a brancura arredondada das suas formas ideais:

‘Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma

linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca...' (Queiroz 1889, 38)

A penitência, dada através da confissão, um dos sete sacramentos afirmados desde os tempos medievais, e reafirmados no Concílio de Trento, é um ritual praticado pela Igreja Católica para vigiar o pensamento e extrair a verdade por métodos retóricos persuasivos, sendo a sexualidade um dos temas privilegiados no diálogo entre confessor e confitente (cf. Foucault 1984, 58-61). Em ambos os romances de Matthew Lewis e Eça de Queiroz, encontra-se presente a denúncia do modo como este instrumento de inquirição e vigilância se transforma facilmente num agente manipulador dos sentimentos amorosos: é durante o acto confessional que Matilda de Villanges, astuciosamente dissimulada de noviço, se revela como sendo uma mulher, provocando em Ambrosio os primeiros desejos por um ser feminino real, em carne e osso; por seu turno, Amaro consegue tornar-se o confessor de Amélia Caminha, mais com a intenção de conquistar a sua intimidade e de despertar nela os primeiros indícios de desejo, do que para a incumbência evangélica e altruísta de a escutar e a deixar partir livremente, com os seus pecados absolvidos.

Os dois romances fazem ainda uma crítica à violência e aos desmandos cometidos nos dois reinos ibéricos pela Santa Inquisição ao longo dos séculos em que imperou o poder deste Tribunal católico: em Lewis, o monge Ambrosio acaba por ser preso e torturado por esta instituição, e só se livra da sentença de morte em auto-de-fé após um contrato feito com o Diabo; em Eça, o padre Amaro lamenta estarem tão distantes os saudosos tempos da Inquisição, para ter nas suas mãos o arbítrio de exercer a sua vingança egocêntrica para matar todos aqueles que inveja:

‘O que lhe faltava era a autoridade dos tempos em que a Igreja era a nação e o pároco dono temporal do rebanho. Que lhe importava, no seu caso, o direito místico de abrir ou fechar as portas do Céu? O que ele queria era o velho direito de abrir ou fechar a porta das masmorras! Necessitava que os escreventes e as Amélias tremessem da sombra da sua batina... Desejaria ser um sacerdote da antiga Igreja, gozar das vantagens que dá a denúncia e dos terrores que inspira o carrasco, e ali naquela vila, sob a jurisdição da sua Sé, fazer estremecer, à ideia de castigos torturantes, aqueles que aspirassem a realizar felicidades - que lhe eram a ele interditas; e pensando em João

Eduardo e em Amélia; lamentava não poder acender as fogueiras da Inquisição!’ (Queiroz 1889, 172)

Nestas duas obras, a mulher, é representada como o supremo objecto de prazer do seu predador implacável, sendo logicamente, como presa frágil e inocente, a principal vítima de uma acção de protagonismo masculino. Contudo, o sujeito feminino, na sua natureza ambivalente, ou podendo mesmo ser entendido à luz desse *unheimlich*, a estranheza inquietante que Freud atribui à mulher, exerce também a função de agente intermediário do Diabo, evocando a tentadora Eva no jardim do Paraíso terreno, eternamente vinculada ao mito patriarcal do pecado original; *The Monk* insinua, aliás, alguns episódios fulcrais da queda edénica: é no jardim do claustro que Ambrosio cai em tentação ao beijar Matilda, sendo, de seguida, mordido por uma serpente no preciso momento em que colhe uma rosa para lhe oferecer. O seio feminino, a tão emblemática “almofada do Diabo”, é ainda o elemento que mais potencia o desejo latente dos protagonistas de Matthew Lewis e Eça de Queiroz: Ambrosio quebra, por fim, a sua firme resistência à transgressão carnal no preciso momento em que Matilda exhibe o seio esquerdo por entre o hábito rasgado; por sua vez, Amaro fica perturbado após observar, num relance, “o seio delicioso” de Amélia.

Apesar de distanciados por cerca de oito décadas em relação às respectivas datas de edição, ambos os romances convergem tanto nas críticas respeitantes à influência perniciosa da doutrina católica na sociedade, sobretudo no meio feminino, como na forma de denúncia do isolamento monástico e do voto de castidade, cujas práticas reprimem os instintos mais congénitos do ser humano: em *The Monk*, Agnes conta a história funesta da “Bleeding Nun”, a Freira Sangrenta à qual também foi imposto o véu por imposição paterna; na obra queiroziana, Amélia recorda a história de uma freira que “morrera de amor e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e clamando: Augusto! Augusto!” (Queiroz 1889, 84).

Não deixemos, todavia, de assinalar algumas diferenças relevantes entre estas duas obras de natureza anticlerical. *The Monk* é um romance ainda adequado a uma estética setecentista, ou seja, produzido para satisfazer uma burguesia protestante, na sua predisposição mórbida para sensações de cariz gótico, e enquadrado com a filosofia iluminista e com o espírito laico da I Revolução Francesa; *O Crime do Padre Amaro* revela já alguma componente utilitária em termos de empenho social, sendo

influenciado pela filosofia positivista como orientação ideológica, pelo realismo como expressão da arte e “anatomia do carácter”, e pelos ecos republicanos da III Revolução Francesa como factor de agitação político-social.

O romance de Eça denuncia a conivência hipócrita de uma burguesia com os actos praticados por diversos responsáveis eclesiásticos, critica a superstição de mulheres cuja ignorância as leva a cumprir todas as ordens impostas pelos padres que as confessam e com os quais aceitam, muitas vezes, relacionar-se amorosamente, e expõe, por intermédio do Doutor Gouveia, o médico da cidade, uma tese científica que pretende libertar a sociedade da jurisdição religiosa:

‘- Mas quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão, continuava o doutor, quando se torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do Universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo! Tão completamente, que um gaiato de seis anos que não sabe ainda o bê-á-bá tem uma ciência mais vasta, mais certa, que as reais academias combinadas de Londres, Berlim e Paris!’ (Queiroz 1889, 626)

Ao nível do jogo emocional, *The Monk* desenvolve uma escalada de violência a um nível essencialmente físico, exercido numa sequência de violações, torturas, prisões e mortes; por sua vez, *O crime do Padre Amaro* apresenta um terror mais do domínio psicológico, através de vários pesadelos narrados: é o caso, por exemplo, de Amaro, quando sonha que faz amor com Amélia no céu, à frente de Deus, do Diabo, e dos anjos, uma controversa “santíssima trindade”; no fim da congregação carnal, enquanto o casal tenta soltar-se um do outro, como se de uma relação canina ou animalesca se tratasse, Deus e o Diabo ficam a apreciar as pernas descobertas de Amélia.

A moral da história narrada por “Monk” Lewis – outro nome pelo qual o escritor britânico ficou também conhecido – enquadra-se na estrutura da narrativa gótica, e, apesar do excesso de sentimentalismo e irracionalidade, o seu desfecho assenta na justa punição do criminoso. Deste modo, Ambrosio acaba, com toda a justiça natural, por ser preso, torturado e condenado à morte pelo Tribunal da Santa Inquisição, uma sentença da qual escapa devido ao pacto derradeiro feito com o Diabo; contudo, não fica isento de uma catábase ao Inferno, o espaço tenebroso onde será devorado por insectos e aves ao longo de seis dias. Nas derradeiras cenas, como clímax supremo de tragédia clássica, o Diabo faz-lhe uma revelação arrepiante, portadora de uma intertextualidade edipiana: as mulheres sobre as quais cometeu todos aqueles hediondos

e bárbaros crimes de violação e homicídio eram, afinal, os seus entes familiares mais próximos: a sua irmã e a sua mãe.

Amaro, apesar do grave crime de que é conivente e de todos os pecados cometidos, acaba por escapar impune, tanto à justiça civil como espiritual. Eça, ao seu melhor estilo realista, está justamente em convergência com a perspectiva darwinista da selecção natural das espécies, onde só o mais forte sobrevive, ao ultrapassar os obstáculos que se lhe deparam ao longo da vida; com efeito, este sacerdote, classificado pela narratologia como anti-herói, consegue adaptar-se sempre ao meio que o rodeia, tanto em Leiria como na sua vida futura, como o comprovam as derradeiras páginas do romance queiroziano, consideradas por António Machado Pires “um quadro simbólico da auto-suficiência e mediocridade da vida portuguesa dos anos 70; [...]” (Pires 1980, 281): o protagonista encontra-se em Lisboa por altura do massacre da Comuna de Paris, em Maio de 1871, e conversa com o Cónego Dias e o Conde de Ribamar, duas personagens mesquinhas ligadas aos poderes espiritual e temporal, tendo a seu lado a recém-inaugurada estátua do glorioso poeta Camões.

Por via de uma estratégia retórica, Matthew Lewis e Eça de Queiroz dispõem-se a denunciar os métodos ortodoxos da Igreja Católica: ambos os romances criticam a sua influência perniciosa na formação mais pueril das mentalidades, na educação sexual ou nos assuntos políticos, um tema que se mantém ainda bastante actual, ao vermos permanecer, no século XXI, a mesma desproporção entre os valores morais e espirituais que são pregados no alto do púlpito dominical e a sua prática repetida de luxúria, perversidade e materialismo. Neste sentido, encontramos nestas duas obras a representação do conflito inconciliável entre o princípio da realidade, imposto por uma instituição religiosa como forma de renúncia a todo o desejo corpóreo, e o princípio do prazer, que corresponde às solicitações dos instintos humanos mais naturais.

Tanto o monge Ambrosio, que é vítima da sedução inicial da ardilosa Matilda, como o padre Amaro, que exerce sempre a sedução sobre a inocente Amélia, transmitem uma mensagem semelhante: por mais regulamentações repressivas que sejam impostas para refrear os impulsos da carne, todo o indivíduo acaba por procurar a satisfação plena do seu desejo, condição inalienável da sua própria natureza.

Bibliografia

- ANDERSON, Howard. "Introduction", in Matthew Lewis. *The Monk*. Oxford: Oxford University Press, 1990. V-XVII.
- FOUCAULT, Michel. *The history of sexuality. An introduction*. Londres: Penguin Books, 1984.
- GOMES, António Martins. "O monge Ambrosio no divã de Freud", in AAVV. *Estudos Anglo-Portugueses – Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa*. Lisboa: Edições Colibri, 2003. 423-436.
- HOWELLS, Coral Ann. "M. G. Lewis, *The Monk*", in *Love, Mystery, and Misery: Feeling in Gothic Fiction*. Londres: Athlone Press, 1979. 62-79.
- LEWIS, Matthew. *The Monk*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- MILES, Robert. "Ann Radcliffe and Matthew Lewis", in David Punter (ed.). *A Companion to the Gothic*. Oxford: Blackwell, 2000. 41-37.
- NUNES, Maria Luísa. *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O crime do Padre Amaro*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1976.
- PIRES, António Machado. *A ideia de decadência na Geração de 70*. Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores, 1980.
- PRAZ, Mario. "Matthew Gregory Lewis's 'Gothic Novel': *The Monk*", in *Le Romantisme angloaméricaine: Mélanges offerts à Louis Bonnerot*. Paris: Didier, 1971. 21-34.
- PUNTER, David. "Narrative and Psychology in Gothic Fiction", in Kenneth W. Graham (ed.). *Gothic Fictions: Prohibition/Transgression*. Nova Iorque: AMS Press, 1989. 1-27.
- QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro: scenas da vida devota*. 3ª. edição. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1889.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de. *A literatura "negra" ou de terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*. Lisboa: Editorial Novaera, 1978.
- SUMMERS, Montague. "Matthew Gregory Lewis", in *The Gothic Quest: A History of the Gothic Novel* (1938). Nova Iorque: Russell and Russell, 1964. 202-308.
- WHITLARK, James. "Heresy Hunting: *The Monk* and the French Revolution", in *Romanticism on the Net*. Número 8, Novembro de 1997. Disponível em <http://www.erudit.org/revue/ron/1997/v/n8/005773ar.html>.